

EDITAL FOMENTO CULTSP - PNAB N° 11/2025

APOIO À PRODUÇÃO E LANÇAMENTO DE CURTA METRAGEM TEMÁTICO

STORYBOARD

O Julgamento dos Encantados: Guardiões da Terra Ferida



O museu torna-se um território de atravessamento. Pinturas, corpos performáticos e público coexistem no mesmo espaço, dissolvendo fronteiras entre obra, rito e experiência compartilhada.

Os Encantados emergem das telas não como ameaça, mas como presença convocatória, deslocando o espaço institucional para um campo simbólico de escuta, confronto e responsabilidade.

Quadro 1 – O Espaço Compartilhado

O filme se inicia no interior de um museu contemporâneo.

Pessoas de diferentes idades circulam livremente e observam pinturas de forte carga simbólica e mitológica.

O ambiente é amplo, iluminado por luz natural, sugerindo acesso público, convivência e abertura ao encontro entre arte e espectadores.



Quadro 2 – O Nome Dado ao Desconhecido

Entre os visitantes, uma criança se destaca ao apontar para uma das pinturas, nomeando as figuras como “**monstros**”.

O gesto revela o estranhamento inicial diante do que foge à norma e explicita o conflito central da narrativa: quem define o que é monstruoso?



Quadro 3 – A Fronteira se Abre

O céu, antes ensolarado, torna-se carregado de nuvens escuras, surgindo relâmpagos e trovoadas.

Uma figura representada em uma das telas rompe o limite entre obra e espaço expositivo, emergindo diante do público.

A separação entre representação e presença começa a se desfazer.

Notas de encenação:

As manifestações dos Encantados são construídas por meio de recursos cênicos sutis e controlados, integrados à iluminação e ao enquadramento, sem intervenções estruturais no espaço expositivo.

As presenças são episódicas e não permanentes, preservando o caráter ritual e simbólico do encontro.



Quadro 4 – A Presença Instintiva

A Mulher-Loba (lobisomem-fêmea) se manifesta por instantes.

Seu corpo evoca transformação, instinto e força ancestral, deslocando o imaginário do terror para uma dimensão ligada ao sagrado e ao corpo.



Quadro 5 – A Memória das Águas

Iara surge associada às águas e à memória dos rios.

Sua presença convoca a relação entre território, esquecimento e ferida ambiental, trazendo à cena a dimensão da natureza ferida e da relação histórica entre humanidade e território



Quadro 6 – O Riso que Desestabiliza

O Saci aparece de forma irreverente e inquietante.

Sua presença ambígua questiona as leituras simplificadoras do imaginário popular sobre o bem e o mal, expondo o caráter construído das narrativas morais.



Quadro 7 – O Olhar que Cobra

A Caipora se apresenta como guardiã da floresta.

Seu olhar atravessa o público, instaurando um julgamento silencioso sobre a destruição ambiental e o desequilíbrio ecológico imposto ao mundo natural.



Quadro 8 – A Voz da Justiça Ancestral

Parajá surge por último. Divindade tupi associada à justiça, ela ocupa o espaço como síntese das vozes originárias e do julgamento que atravessou todas as aparições.

Sua presença não condena nem absolve: convoca à responsabilidade.



Quadro 9 – O Espaço Após o Rito

As entidades já não estão presentes. O espaço do museu permanece, agora atravessado pela experiência do que ocorreu.

O céu voltou a ficar ensolarado e o ambiente recupera sua aparência cotidiana.

O julgamento não se resolve em palavras ou punições, mas na experiência compartilhada que acabou de acontecer.





Uma empresa com
DNA USP



MINISTÉRIO DA
CULTURA
GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

ibram instituto brasileiro de
museus

Quadro 10 – O Gesto que Permanece

A narrativa se encerra com uma criança segurando uma semente e um vaso. Em silêncio, realiza um gesto simples: plantar.

O ato não representa redenção imediata, mas a assunção de uma responsabilidade concreta.

O ato simboliza cuidado, responsabilidade e possibilidade de futuro, deslocando o julgamento para uma ação coletiva e contínua.

